

A escritvência de Conceição Evaristo como espelho de Oxum e Iemanjá: formas outras de “se ver” na/pela literatura negro-brasileira

The writing-life of Conceição Evaristo with Oxum and Iemanjá's mirror: other ways of “seeing yourself” in/ by black-Brazilian literatura

Karla Daniel Martins de Souza Albuquerque¹
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Cascavel, Paraná, Brasil.

Dantielli Assumpção Garcia²
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Cascavel, Paraná, Brasil.

Resumo: Este artigo com base nos pressupostos teóricos/metodológicos da Análise de Discurso, de linha francesa, que tem como expoente Michel Pêcheux (1975), busca compreender os sentidos de denúncia num gesto de escuta do funcionamento discursivo da escritvência de Conceição Evaristo em sua posição-sujeito de escritora. Partimos do entendimento de que a visão eurocentrada naturalizou o branco como o ser humano “padrão”, “único”, “normal”, produzindo sentidos contrários aos sujeitos pretos e pretas sendo o(a) esses os diferentes. Segundo Orlandi, 2017, p. 96, “[...] a cor negra é estigmatizada: ‘não é para ser negro’ [...] ou seja, há uma interdição em, pura e simplesmente, ser negro”. É nessa negação do existir e pela “[...] irracionalidade do racismo que nos coloca a/o ‘Outra/o’, como diferente, como incompatível, como conflitante, como estranha/o e incomum” (Kilomba, 2019, p. 40). Portanto o objetivo é analisar os sentidos de representatividade que a escritvência causa em relação ao lugar de enunciação em que o sujeito preto e preta devem ocupar, uma vez que “o não lugar, o não ser, e o não estar” já são pré-estabelecidos no imaginário social em que o racismo atua.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Conceição Evaristo. Escritvência. Espelho de Oxum e Iemanjá.

Abstract: This article, based on the theory and methodology of French Discourse Analysis, of which the the main exponent is Michel Pêcheux (1975), aims to understand the meanings of denunciation in a listening gesture to the discursive functioning of writing-life of Conceição Evaristo in her subject-position as a writer. We start from the understanding that the Eurocentric vision naturalized white people as the “standard” human being, “unique”, “normal”, producing meanings contrary to black subjects, these being diferente. According to Orlandi, 2017, p. 96, “[...]the black color is stigmatized: ‘it isn't meant to be black’ [...] that is, there is a ban on being, quite simply, being black”. It is in this denial of existence and by the “[...] irrationality of racism that makes us 'Other', as different, as incompatible, as conflicting, as strange and unusual” (Kilomba, 2019, p. 40). Therefore, the objective is to analyze the meanings of representativeness that the writing-life causes in relation to the place of enunciation in which the black subject must occupy, since “the non-place, the non-being, and the non-being” are already pre-established in the social imaginary in which racism operates.

Keywords: Discourse Analysis. Conceição Evaristo. Writing-life. Oxum and Iemanjá's mirror.

¹Mestra e doutoranda em Letras - Linguagem e Sociedade - pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: profkarladaniel@gmail.com.

²Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho docente dos Cursos de Letras e da Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel-PR, Brasil. E-mail: dantielligarcia@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A escrituridade de Conceição Evaristo produz efeitos de sentidos de enfrentamento no social mediante as problematizações que o discurso racista promove. Temos portanto, na escrituridade um pouco de reparação a esses mal feitos aos sujeitos pretos e pretas. Trata-se de escritas pretas de autorrepresentação, movimentando a linguagem na luta por um pertencimento de lugar e espaço de identificação subjetiva.

Nesse contradiscurso do já-dito, o que essas escritas refletem são as vozes, principalmente de/das escritoras pretas que rompem com o silenciamento e apagamento que a ideologia dominante propagou no imaginário social. Nas escrituridades, como materialidade significativa, nessa movimentação ideológica no imaginário social, são onde o preto e a preta podem se encontrar.

Importante para este gesto de análise pensarmos na constituição histórica de direcionamentos/lugares que os sujeitos brancos deram aos sujeitos e sujeitas pretas. De acordo com Lélia Gonzalez (1982, p. 15),

[...] As condições de existência material dessa população negra remetem a condicionamentos psicológicos que devem ser atacados e desmascarados. Os diferentes modos de dominação das diferentes fases de produção econômica no Brasil parecem coincidir num mesmo ponto: a reinterpretação da teoria do lugar natural de Aristóteles. Desde a época colonial aos dias de hoje, a gente saca a existência de uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados. O lugar natural do grupo branco dominante são moradias amplas, espaçosas, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes tipos de policiamento: desde os antigos feitores, capitães do mato, capangas, etc., até a polícia formalmente constituída. Desde a casa-grande e do sobrado, os belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido sempre o mesmo. Já o lugar natural do negro é o posto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, porões, invasões, alagados e conjuntos 'habitacionais' (cujos modelos são os guetos dos países desenvolvidos) dos dias de hoje, o critério também tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço."

Sendo assim, a voz da escritora Conceição Evaristo, na sustentação dos gestos de análises deste texto, ecoa como uma voz-resistência na posição de uma escritora preta que tem conseguido ser ouvida, mesmo com obras da literatura negro-brasileira sendo colocadas à margem, forjadas para fora do "conhecimento legítimo", canônico pela ideologia que se quer estável. Indiferentemente, continuou a escrever, expor-se e a produzir literatura preta num olhar de desconstrução dessas posições que os sujeitos pretos foram colocados no decorrer da constituição da sociedade brasileira com resquícios de um lugar de servidão que reverbera ainda nos dias de hoje.

Estamos pensando aqui também, na carência representativa de ideais ou imagens, permeada de discursos de alteridade sobre a(o) preta(o), que não tem relação intrínseca com sua ancestralidade ou antologia, pois o referencial é ocidental e dos brancos, ou mesmo a "outridade" – a personificação de aspectos repressores do "eu" do sujeito branco.

Dizer identidade humana é designar um complexo relacional que liga o sujeito ao quadro

contínuo de referências, constituído pela inserção de sua história individual com a do grupo onde vive, cada sujeito é parte de uma continuidade histórico-social, afetado pela integração num contexto global de carências (naturais e psicossociais) e de relação com outros indivíduos, vivos e mortos. A identidade de um “si mesmo”, é sempre dada pelo reconhecimento do outro, ou seja, a representação que o classifica socialmente. (Sodré, 1999, p. 34).

Isso quer dizer que, não havendo essa identificação representativa, “[...] nós nos tornamos a representação mental daquilo com que o sujeito branco não quer se parecer” (Kilomba, 2019, p. 38), impossibilitando que a(o) preta(o), mesmo que “liberta(o)”, exerça a sua liberdade, firmando ainda mais o seu não-lugar. Munanga (2010, p. 49-50) aponta que

[...] As heranças culturais africana e indígena constituem uma das matrizes fundamentais da chamada cultura nacional e deveriam, por esse motivo, ocupar a mesma posição das heranças europeias, árabes, judaicas e orientais. Juntas, essas heranças constituem a memória coletiva do Brasil, uma memória plural e não mestiça ou unitária. Uma memória coletiva a ser cultivada e conservada por meio das memórias familiares e do sistema educacional, pois um povo sem memória é como um povo sem história.

Existe uma negação a essas culturas africanas como constituintes da sociedade brasileira. Elas ficam restritas como das(os) pretas(os) apartadas(os) e lembradas(os), na maioria das vezes, nas semanas da Consciência Negra. “Só que na hora de mostrar o que eles chamam de ‘coisas nossas’, é um tal de falar de samba, tutu, maracatu, frevo, candomblé, umbanda, escola de samba e por aí afora.” (Gonzalez, 1984, p. 238). Um complexo proposital que se desenvolve junto ao capitalismo de vistas lucrativas. Reflexo de uma sociedade que sustentou uma visão estreita de silenciamentos constitutivos que impediu outros sentidos.

1 UMA ESCRITA DE RESISTÊNCIA E A ANÁLISE DE DISCURSO

Diante da historicidade, o esvaziamento de significação subjetiva ao sujeito preto/preta foi vendido “[...] na pia do batismo católico assim como, através da indústria turística, comerciam o negro como folclore, como ritmos, danças e canções. A honra da mulher africana, por exemplo, foi negociada na prostituição e no estupro. Nada é sagrado para a civilização ocidental branca e cristã” (Nascimento, 2016, p. 148).

Devemos lembrar que a “[...] afirmação da identidade negra se faz na positivação do que foi significado como negativo pelos discursos dominantes.” (Cestari, 2015, p. 173). Por isso, “as coisas de pretos” precisaram também passar por um processo embranquecedor, pois “[...] tudo que quando era preto era do demônio e depois virou branco e foi aceito”, (Exu do Blues, 2018, s. n.), isso fez com que automaticamente as deixassem sem “dono”, como se fossem “tudo de qualquer um”, diluindo as suas significações com afirmações advindas dos pretos para a cultura brasileira, dificultando assim a sua identidade/constituição que resulta desses processos históricos determinados pelas formações discursivas que os afetam.

Com as escrevivências, essa “[...] equação racista se abre em sentido que se mostra. Sai do silêncio. Produz deslizamento, a deriva” (Orlandi, 2017, p. 99), são pretas e pretos discursivizados. O que propõe essa literatura é também uma torção do mito do Narciso, que desconsidera tudo o que não for a sua própria imagem, achando “feito” o que não for igual a ele.

Conceição Evaristo, em sua posição-sujeito de escritora, propõe mais um deslocamento de sentido para essa literatura de autoria preta. Nela, a preta e o preto podem se reconhecer em sentidos e imagens outras. Nessa manifestação literária, não há branqueamento na “raça”, mas escurecimento. O espelho reflete a imagem do preto e da preta tal como ela é. É a possibilidade de construção subjetiva e de autoimagem da população preta como projeção para o futuro, em âmbito coletivo. “A subjetividade pode interessar, discursivamente, pelo fato de que ela permite compreender como a língua acontece no homem” (Orlandi, 2012, p. 99).

Mudar pelas avessas o que todos os espelhos refletiam até agora, mas que não havia para a preta e o preto a possibilidade de significação a seu ver. Era um reflexo “[...] marcado pela ausência. Pelo silêncio histórico. Pelo não lugar. Pela Invisibilidade do Não Ser, sendo” (Piedade, 2017, p. 17) e pela negação da humanidade às pessoas de pele preta.

Assim, na posição de escritora, Conceição Evaristo reformulou, metaforicamente, o espelho que a preta e o preto devem buscar para “se olhar, ou se ver”. São os espelhos de Oxum e Iemanjá e não mais o espelho narcísico. Nesse sentido de buscas de identificação nas leituras e escrita, Bianca Santana (2017, s. n.) complementa:

Uma escritora de tamanha grandeza se colocar publicamente como mulher negra, e escrever sobre mulheres negras, nos oferece outro poder do espelho: de defesa daquilo que nos oprime. A escrita se coloca também como luta política para desbravar novas possibilidades de existência, para que caibamos todas e todos. [...] Ao ler tantas mulheres negras que furaram o cerco, Conceição, Ana Maria, Maria Firmina, Carolina, Francisca, Elisa, Mãe Beata, Sueli, Jurema, Beatriz, Léia, Geni, Alzira, Mel, Luana, Maria Rita, Charô, Joice, Nathália, Monique, Preta, Maitê, Renata, Cidinha, Djamila, Stephanie, Jarid, Giovana, Jenyffer, Elizandra, Priscila, Lu, Marli, encontramos espelhos que nos permitem reconhecimento e disputa pelas histórias, pelos escritos, pelas vivências. No belíssimo neologismo de Conceição: nossa escrevivência.

Nas produções literárias das escrevivências, por exemplo, encontramos rostos pretos, sofridos ou não, mas com representação de/em situações comuns ao cotidiano da preta e do preto; “[...] cada uma dessas vozes é uma possibilidade de encontrar-se a si mesma. Um dos poderes do espelho” (Santana, 2017). É, pois, uma “literatura espelho” com imagens/dizeres refletidos pelos espelhos de Oxum e Iemanjá que passam a representar, organizar e influenciar discursos capazes de contribuir na reparação dos buracos deixados por formações discursivas racistas, na restauração de “novas identidades”. Marca-se também como sendo um contexto social, histórico e cultural na elaboração de discursos sob condições ideológicas (co)determinadas por esse contexto.

Como gesto de leitura, é relevante entender quem são as donas deste espelho da negritude. Referimo-nos acima às orixás femininas Oxum e Iemanjá. Elas representam a força da natureza, possuem poderes característicos com instrumentos próprios, seus

espelhos. “O espelho permite contemplação, percepção e reconhecimento. E também proteção, defesa: pode refletir de volta raios indesejados” (Santana, 2017, s. n.). No espelho da negritude que são os espelhos de Oxum e Iemanjá, o reflexo é de beleza que extrapola esse perfil europeu. Nada de pele clara e alva, é pele preta feito a noite, os traços são fortes e marcados e o cabelo é a representação de conquista de uma vida. E a partir dessas imagens, a ressignificação do corpo da preta e do preto em discurso.

Esse fazer literário é de projeção e de enfrentamento no social. Dito de outro modo, por essa tomada de palavra, de acordo com as condições de produção de um discurso antirracista e de “[...] argumentação visando seus efeitos sobre o interlocutor” (Orlandi, 2007, 39), Conceição Evaristo, em sua posição-sujeito de escritora, propõe pensar escrevivência como produto de uma prática de simbolização pela língua em que,

[...] este nós diz de si mesmo inserido em polêmicas, em um movimento de denúncia ao racismo, ao sexismo e à exploração de classe, de negação dos dizeres e ditos sobre as mulheres negras, de reivindicação e construção de imagens positivas para “mulheres negras”, de narração de suas histórias e construção de seus heróis e heroínas, de lamento de suas dores, entre outros. (Cestari, 2015, p. 152).

São as imagens de reflexo que a metáfora do espelho de Oxum e Iemanjá constitui-se nas diferentes posições-sujeito – mesmo sem controlar a forma com que o sentido vai se instituir aos interlocutores da escrevivência – que vão ocasionar ao imaginário reflexos “[...] enquanto posição discursiva produzida pelas formações imaginárias” (Orlandi, 2007, p. 41). Abre caminhos outros (polissêmicos) para pensar em questões como, por exemplo, a subjetivação da preta e do preto que não pôde ser simbolizada pelas formas de enunciação e modos de saber das formações discursivas dos brancos.

Vale ressaltar que existem nas formações imaginárias representações que demarcam os sujeitos preto e preta atravessados pela formação ideológica, por dizeres racistas que promovem efeitos de sentidos que ditam a inferioridade desses sujeitos. E essa posição de inferioridade está diretamente ligada às “[...] imagens que resultam de projeções [que são significadas] em relação ao contexto sócio-histórico e à memória (o saber discursivo, o já dito).” (Orlandi, 2007, p. 40).

Podemos dizer que esses já ditos “[...] significam o negro no Brasil, como um sujeito a ser dizimado. Contudo, este resiste e impõe-se à sociedade (Garcia; Sousa, 2015, p. 58). Mesmo sendo assujeitado, deixa de ser mero objeto “do outro” ao romper com esse lugar determinado pelo imaginário social dominante e racista. Por isso,

[...] contentamo-nos em lembrar que as práticas ideológicas são aí caracterizadora como “reguladora por rituais nas quais as práticas se inscrevem no seio da existência de um aparelho ideológico, mesmo que seja uma mínima parte deste aparelho: uma pequena missa em uma pequena igreja, um enterro, um pequeno jogo em uma sociedade esportiva, em um dia de aula em uma escola, uma reunião ou um encontro de um partido político, etc.” (Althusser apud (Pêcheux, 1990, p. 16).

Retomando o funcionamento discursivo das escrevivências de mulheres pretas como sendo espelho de Oxum e Iemanjá, vão representar, dentro desse reboiço das

relações imaginárias – uma vez que promovem esse funcionamento discursivo – a sustentação das imagens projetadas para que os sujeitos preto e preta possam “ocupar um lugar” na formação social. Assim, estabelecer-se-ão certas relações imaginárias as quais não lhes foram possibilitadas anteriormente, pois o que se tinha era o reflexo narcísico de uma sociedade embranquecida que dificultava/impossibilitava a formação da imagem de si e do outro.

Sendo assim, esses mecanismos de funcionamento do processo discursivo constituem as formações imaginárias, o que para o sujeito nada mais é que um jogo de imagens. Na perspectiva de uma reparação no seu dizer e no que se possa emergir, “[...] o imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não ‘brota’ do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder” (Orlandi, 2007, p. 42). Abdias do Nascimento (2016, p. 59) ensina que:

Durante séculos, por mais incrível que pareça esse duro e ignóbil sistema escravocrata desfrutou de fama, sobretudo no estrangeiro, de ser uma instituição benigna, de caráter humano. Isso graças ao colonialismo português que permanentemente adotou formas de comportamento muito específicas para disfarçar sua fundamental violência e crueldade.

Para tudo isso acontecer, existe um jogo nos processos discursivos que sustenta os dizeres e os sentidos constituídos por condições de produção dadas, ou seja, a “[...] imagem da posição sujeito locutor (quem sou eu para lhe falar assim?), mas também da posição do sujeito interlocutor (quem é ele para me falar assim, ou para que eu lhe fale assim?), e também a do objeto do discurso (do que estou lhe falando, do que ele me fala?)” (Orlandi, 2007, p. 40). Por isso, os sentidos podem variar, tornando-se outros a cada espaço tomado pelas posições-sujeito.

Temos, portanto, nessa interlocução com os espelhos de Oxum e Iemanjá – se tomamos como base o esboço proposto por Pêcheux (1997, p. 83), retomado por Fátima (2020, p. 55) –, a imagem que Conceição Evaristo tem de si mesma pelo viés da escrevivência, a imagem que ela faz da preta e do preto, a imagem que a preta e o preto fazem daquilo que está sendo dito nas/pelas escrevivências e a imagem que a preta e o preto fazem da escritora Conceição Evaristo ao terem acesso à sua escrevivência. Eis a estratégia discursiva, sendo o discurso aquilo que está entre uma interlocução, “[...] sistema sintático intrinsecamente passível de jogo.” (Pêcheux, 2014, p. 66).

Como nos casos

[...] denominados movimentos indentitários, feminismos da diferença, movimentos antirracistas, movimentos negros, as imagens de quem diz são fundamentais para a constituição e legitimação do dizer. Constituem-se novos lugares de dizer na história nesses movimentos coletivos que projetam um imaginário determinado de quem diz com base em experiências, histórias, modos de vida, cultura, discriminações e lutas comuns. Assumindo que não se trata de um sujeito de dizer consciente, centrado, único, completo, admite-se que, na interlocução discursiva, as imagens dos protagonistas do discurso participam das representações do sujeito do discurso e do outro. (Cestari, 2015, p. 147).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrevivência metaforicamente sendo o espelho de Oxum e Iemanjá faz “falhar certas coerções discursivas racistas de imposição de ideologia dominante, por meio da resistência e seus ruídos” (Leandro, 2019, p. 45), ou seja este texto buscou uma escuta ao “já lá” sejam nas formas dos discurso dominantes ou até mesmo no de resistência. Pois é um olhar que se lança ao acontecimento já determinado, mas que emana novos efeitos de sentidos com intuito de projeção de uma ordem imaginária, trabalhando nas e pelas fissuras desses discursos unificadores. “está na origem dos novos sentidos que até não eram possíveis de ser pensados” (Indursky, 2008, p. 26).

Por fim, as escrevivências como espelhos de Oxum e Iemanjá, reflexos da negritude, passam a ser uma produção literária de escuta para o sujeito preto, que desregula ao reconstituir certos lugares, pois foi e é preciso “[...] abrir novos espaços de experiência e de significação para que haja deslocamentos, percursos de sentidos não experimentados” (Orlandi, 2017b, p. 97).

Uma obra literária que deu visibilidade a narrativas ressignificadas do corpo da preta e do preto que afronta o discurso dominante e racista. É também espaço de refazimento da escrita da mulher preta que “[...] passa da invisibilidade para a significação” (Orlandi, 2017, p. 97), conseguindo estruturar esse jogo discursivo como condição de produção, pois é uma abertura para o “novo”, outro sentido que muda a ordem do real, colocando-se em cena ao afetar diferentes posições-sujeitos.

E “[...] como são necessários os gestos de interpretação, que atestando a incompletude da linguagem nos mostra a abertura do simbólico: há sempre a possibilidade de um novo gesto de interpretação” (Orlandi, 2017, p. 176). É esse o lugar que esta pesquisa se situa. O lugar de dizeres novos, em retomadas parafrásticas, mas com a possibilidade de que o novo produza efeitos de sentidos diferentes, pois

[...] diversos passos revelam a consciência sobre o racismo não como uma questão moral, mas sim como um processo psicológico que exige trabalho. Nesse sentido, em vez de fazer a clássica pergunta moral: “Eu sou racista?” e esperar uma resposta confortável, o sujeito branco deveria se perguntar: “Com eu posso dismantelar meu próprio racismo?” Tal pergunta, então, por si só, já inicia esse processo. (Kilomba, 2019, p. 46).

O que corroboramos com a atriz Viola Davis (2015), ao dizer que “a única coisa que separa as mulheres e os homens de cor de qualquer outra pessoa é a oportunidade”, nessa complexidade ingrata à espera de serem lembradas. Efeito de um regime de escravização que moldou o imaginário social e que indica a inferiorização do sujeito preto, por meio da memória que respinga ainda hoje, dificultando o discurso afirmativo e tentativas da preta e do preto de “ascender” ou ao menos participar do que a sociedade propõe como lugares democráticos.

REFERÊNCIAS

- CESTARI, M. J. Vozes-mulheres negras ou feministas e antirracistas graças às yabás. Tese. Campinas: Unicamp, 2015.
- DAVIS, V. Veja o discurso de Viola Davis no Emmy 2015. Disponível em: <https://mulhernocinema.com/noticias/veja-o-discurso-de-viola-davis-no-emmy-2015/>. Acesso em: 26 nov. 2020.
- EXU DO BLUES, B. Bluesman. 2018. In. *Youtube*. Disponível em: <https://youtu.be/-xFz8zZo-Dw> Acesso em: 12 jan. 2021.
- GARCIA, D. A.; SOUSA, L. M. A. e. “Somos todxs Cláudia”: a legitimação da violência pelo Estado. In. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 15, n. 1, 2015, p. 47-59.
- GONZALEZ, L. O golpe de 64, o novo modelo econômico e a população negra. In: GONZALEZ, L.; HASENBALG, C. *Lugar de Negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.
- GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*. Anpocs, 1984.
- KILOMBA, G. *Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LEANDRO, M. L. da C. R. Autoria e resistência: Carolina Maria de Jesus em Discurso. Dissertação de Mestrado. Ribeirão Preto, 2019. 184 p.
- NASCIMENTO, A. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Perspectivas, 2016.
- MUNANGA, K. Educação e diversidade cultural. In: *Cadernos Peneshb*. Discussões sobre o negro na contemporaneidade e suas demandas. Cadernos, 2010.
- ORLANDI, E. P. *Discurso em Análise*: Sujeito, Sentido e Ideologia. Campinas: Pontes, 2017.
- ORLANDI, E. P. *Eu, tu, ele*: discurso e real da história. Campinas: Pontes Editores, 2017b.
- ORLANDI, E. P. *Discurso e texto*: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2012.
- ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso*: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2007.
- PÊCHEUX, M. [1975]. *Semântica e Discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.
- PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. Trad. Eni Orlandi. In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp, 1997.
- PÊCHEUX, M. *Delimitações, inversões, deslocamentos*. Trad. José Horta Nunes. In. *Cad. Est. Ling.* Campinas, (19), 1990, p. 7-24.
- PÊCHEUX, M. O papel da memória. In: ACHARD, P. et al. *O papel da memória*. Trad. de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.
- PIEDADE, V. *Dororidade*. São Paulo: Editora Nós, 2017.
- SANTANA, B. Espelho das iabás. In. *Portal Geledés*. 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/espelho-das-iabas/>. Acesso em: 02 set. 2020.
- SODRÉ, M. *Claros e Escuros*: Identidade, Povo e Mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999.